

FORA DA CURVA

Processos em Arte Contemporânea como ação política de responsabilidade social e humana

GISELE LIMA
MATEUS LUCENA

FALAR DE *Fora da Curva* é falar da RIDE-DF. Repensar centro, entornos, conceitos e corpos que existem (também) como potência de produção criativa. Entender que o projeto *Fora da Curva* existe como uma mostra de processos artísticos, e não de obras finais, acompanha um movimento mundial dos últimos anos sobre o entendimento da arte contemporânea. É abrir mão da ideia de apreciação e fruição de uma obra ou produto de arte final e, então, compreendê-la como um conjunto complexo de pesquisa e pensamentos em constante desenvolvimento e passível de inúmeros desdobramentos. Mais que isso, a mostra de processos em arte contemporânea nos tempos de isolamento se nega a entregar ou a cobrar a existência dessas finalizações. Faz-se, assim, ao mesmo tempo, pesquisa e crítica aos editais e iniciativas de fomento que procuram uma produção artística que discuta a situação atual do mundo enquanto a maior preocupação deveria ser a sobrevivência. *Fora da Curva* propõe o compartilhamento de processo sem a cobrança de se chegar em algum lugar.

Assimilar processos como obra de arte está lado a lado com reconhecer a existência múltipla do indivíduo que cria. E, assim, fugir da norma de existência que segue regras e contratos sociais que nunca foram assinados com intenção. Repensar políticas de responsabilidade social vai ao encontro imediato com a reconstrução do estar humano em sociedade. Construção, talvez, seja a palavra-chave. Elaborar novas narrativas, desenvolver um novo canal de apresentação de existências, firmar um presente que reflita demandas desta geração. Construção sustentável que se torna viável na valorização de corpos, obras e processos que não se pautam por dogmas fadados à rescisão. Aqui funciona extremamente bem a apresentação de artistas como Brunetty BG, Natasha de Albuquerque, Lua Cavalcante, Romulo Barros, Guilherme Moreira, Paula Catu, Fernanda Azou e Pietra Souza que, mesmo trabalhando em pesquisas distintas, ainda podem se encontrar no escancarar da negação às expectativas do que seria politicamente correto ou belas artes.

As dez artistas convidadas para esta mostra são ricas em linguagens, suportes, raça, corpo, gênero, geografia e poética. Têm, por meio de suas produções, o espaço para se fazerem ouvir. Falam sobre trabalhar enquanto quem são e onde estão na suposta nova realidade de isolamento social, sobre mudanças e (im)permanências impostas a seus corpos e vivências, limitações de circulação — que agora são compartilhadas pela sociedade como um todo.

Ramaldes (2016, p. 153) afirma: “É necessário existir a tríade artista-obra-espectador para que uma obra se concretize.” Ao encontro de Dewey (2010, p. 215) que afirma: “A obra de arte só é completa na medida em que funciona na experiência de outros que não aquele que a criou”. Lidar com o público no meio virtual tornou-se um dos maiores desafios desse fazer digital. Estender o diálogo sobre arte contemporânea para a comunidade e vigorar questionamentos sobre limites da arte, cotidiano e normalidade nunca foi tão simples e tão desafiador. Se nos olhos de quem assiste se completa a obra de arte, a quais olhos se voltam? Repensar políticas de responsabilidade social está para além de pensar apenas a corpa das artistas e equipe atuantes em um projeto. É preciso pensar nas nuances e diferenças de um público em rede, nuvem possível de tudo e de todes. É preciso pensar Fora da Curva.



FIGURA 1
Lua Cavalcante
Fotografia: reprodução A Pilastra

FIGURA 2
Xibi Rodrigues
Fotografia: reprodução A Pilastra

